

REDACÇÃO PRINCIPAL —  
**ALEXANDRE VIEIRA**  
Propriedade da União Operária Nacional  
EDITOR — **JOAQUIM CARDOSO**  
Redacção e administração — Calçada do Combro, 38-A, 2.º  
Lisboa — PORTUGAL  
End. telegr. Talla — Lisboa — Telefone: 2  
Officinas de impressão: Rua da Atalaia, 134

# A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

## OS PRÓXIMOS CONGRESSOS

Está enfim marcada para os dias 13, 14 e 15 do corrente mês a realização do II Congresso Operário Nacional, que se teria efectuado em Julho se não tivesse sobrevenido a greve ferroviária, que vem de tor o seu termo.

Preparam-se as associações de todo o país para essa magna reunião da classe operária que, estando certos, traduzirá uma das maiores manifestações até hoje levadas a efeito pelo proletariado organizado, mais importante ainda que a efectuada em 1917, quando da Conferência Operária de onde a Central dos Sindicatos Portugueses saiu mais robustecida, graças ao espírito de vitalidade que os organizadores operários, por intermédio dos seus representantes, então lhe imprimiram, habilitando-a a exercer eficazmente o papel que lhe fora cometido pelo Congresso Operário de Tomar, realizado em 1914, onde fora criada.

É assás importante o número de sindicatos que até hoje tem levado a sua adesão ao Congresso Operário, não devendo ser menos de trezentos, os delegados que a ele assistirão, a despeito de bastantes sindicatos, sobretudo os dos pontos mais afastados da Província, que aliás se faz representar em bom número, não poderem enviar mais dum delegado, atentas as elevadas despesas do viagem. Esta circunstância é bastante a dar uma ideia do entusiasmo que vai, país fora, pela realização do II Congresso Operário Nacional e da esperança de que está animada a organização operária quanto aos trabalhos que vão ser discutidos pelo Congresso, alguns dos quais, todos, da mais transcendente actualidade.

Veremos se a acção do Congresso Nacional corresponderá ao que dele se espera. Acreditamos que assim suceda o lamentável seria que se verificasse o contrário, porquanto estamos num momento em que todos os que militam na classe operária devem esforçar-se em concorrer para que a organização sindicalista se aperfeiçoe de modo a criar os órgãos necessários e a assegurar a todos os trabalhadores, seja qual for o campo de actividade em que manifestem a

## Anda as perseguições do Vale de São Tiago

Está entre nós um trabalhador rural que se viu forçado a fugir do Vale de São Tiago para não ser preso, como o foram alguns dos seus camaradas. A burguesia rural de Odemira voltou como ontem disseminou e como se via do telegrama recebido pela U. O. N. das puncheiras de dois camaradas dali a exercer vinganças sobre os operários. Procuram-nos no trabalho os lavradores acompanhados do administrador do concelho e de soldados da guarda republicana, entre os quais os trabalhadores rurais são conduzidos a cadeia. O maior número dos presos são dos que vieram de África onde estiveram cerca de sete meses sem culpa formada. Mas como este tempo não fosse bastante para saciar o ódio dos proprietários do Vale sobre os trabalhadores, continuam descrendo toda a casta de infâmias. Cercam-se as casas dos rurais, como se fossem um bando de malfetores. Prendem-se e espancam-se com o intuito de os lançar na miséria.

Tudo isto, porém, admitimos, partindo do princípio de que não podemos admitir por ser inadmissível, é que as autoridades sancionem os demandos praticados, podendo-se ao lado dos perseguidores. O que não se admite é que as autoridades do concelho de Odemira pretendam sobrepor-se ao juiz encarregado pelo governo de dar a sentença prendendo arbitrariamente indivíduos que este reconheceu não terem praticado crime algum.

Não admitimos porque não pode admitir-se. Uma região onde centenas de trabalhadores honestos querem trabalhar porque precisam sustentar as suas famílias, não pode estar à mercê dum dízio de vândalos e dum autoridade que lhes dá as mãos.

Para isto chamamos a atenção do governo. Se os trabalhadores rurais do Vale de São Tiago cometerem crime de que os possam acusar, acusem-nos, e procedam as autoridades dentro da lei, visto que elas se diz existirem para obrigar ao seu cumprimento.

Assim não pode ser. Assim não podemos continuar! Ao governo compete meter na ordem as autoridades e os lavradores de Odemira. Se o não fizer poderá dar lugar a que se repitam factos que poderão ter lamentáveis consequências.

## NOTAS & COMENTÁRIOS

### Palavriado

A carestia da vida voltou a ser debatida no parlamento. Larachas e mais larachas, que as coisas vão más e o pão está caro, e a-ciera e tal. Depois passou-se a outro artigo, não se vendendo mais das primeiras pastilhas. A questão da carestia da vida tem sido tratada no parlamento vezes sem conta, e parece que de regra ficar mais complicada depois de cada vez em que os deputados a tratam. Uns decretos a mais, a abertura de uns tantos nichos novos p'ros rapazes da câr, e fica a coisa arrumada por uns dias. Entretanto a população continua gemendo na miséria última a que a votou a incompetência de toda esta gente que prepondera. Discursos, larachas, decretos! Fosse isso comestível e seríamos nós, pela certa, o povo mais largamente abastecido em todo o mundo.

### A censura

Foram há pouco abolidos, na Bélgica, os últimos hercúleos da censura, ainda subsistentes. As liberdades populares, restringidas durante a conflagração, vão retomando em toda a parte o lugar que lhes compete. Em toda a parte entende-se menos em Portugal. Por cá a censura mantém-se, exercida, para mais, dum maneira revoltante. O nosso jornal continua ainda a ser impedido de circular enquanto a censura prevê o não vistoria, soltando-o, com todos os vagares, da primeira à última linha. A censura postal sabemos que também se conserva, e ainda há muito foram interceptados vários telegramas que nos eram endereçados e cujo conteúdo nada tinha, aliás, de subversivo. Uma situação deriva da circunstância de não ser possível topar em Portugal, com um governante cujo critério se avançasse sensivelmente ao de um cabo de esquadra, e resulta ainda do facto de se preocupar mais a maior parte do povo com os mosaicos do Rossio do que com a defeza, a sério e à teza, das suas regalias.

### Acúcar

Desapareceu novamente o açúcar das mercearias e, quasi, impossível se torna actualmente obter um meio quilito dele. Especulação e da grossa, no caso, claro está. O açúcar industrial não é produto indispensável na alimentação e até, muito pelo contrário, parece estar provado ser ele altamente nocivo ao organismo humano, sendo próprio para os frutos, por exemplo, se encontrar, quando comidos crus. Assim o crem, pelo menos, os naturalistas. Certo é porém que o açúcar, mesmo industrial e nocivo, tem mesmo quotidiano nos lares pobres, servindo à amenuação da pizorra, simulando de café, e a gente costuma engulir de mania, antes da entrada para o trabalho. Pois desapareceu o açúcar e é provável que só tornemos a vê-lo, mas mais caro, quando esta manigância comercial tiver dado seus frutos p'ras burras dos especuladores. O remédio é ir-se esperando com paciência. Tanto mais que não podemos fazer outra coisa.

## Perseguições governamentais

### Comissão pró-presos por questões sociais

Esta comissão tomou conhecimento da prisão dos operários soldadores de Almada, David Augusto Correa, António José Inácio Santos e Manuel dos Santos Godinho, que estão no governo civil, em virtude da greve da sua classe. Recebeu a quantia de 4573 provenientes de uma quebra aberta na sessão de anteontem na Associação dos Empregados Menores dos Correios e Telégrafos a favor dos presos por questões sociais, e 1800 enviado pelo pessoal da casa de obras do Diário de Notícias.

Resolveu esta comissão enviar um ofício pedindo a cédencia da sala da Associação de Classe dos Operários Alfaiates para a realização de uma sessão de propaganda pró-presos por questões sociais, ao qual o mesmo sindicato respondeu que não podia ceder a sala para esse efeito, pelo que esta comissão lamenta que a comissão administrativa da Associação dos Alfaiates não tome a sério o seu papel dentro da organização operária.

Em consequência desta resposta foi procurada a direcção da União dos Operários Barbeiros de Lisboa para a cédencia da sua sala, ao que prontamente acedeu, para a realização na próxima segunda-feira de uma sessão de propaganda com aquele fim, o que esta comissão muito agradece.

A comissão teve conhecimento das perseguições que se estão fazendo aos trabalhadores rurais do Vale de S. Tiago, em que tem toda a preponderância os célebres lavradores Efraim Efraim, etc. e que o regedor ainda é o mesmo do tempo da situação sionista apesar de os governantes actuais terem dito por vezes que já estavam destituídas essas autoridades.

Já se encontram presos e foram para Odemira, 10 camaradas, alguns dos quais tinham regressado de África e estavam nos seus trabalhos enquanto que os outros 10 que ficaram em Loanda não veem, segundo dizem, por falta de transporte. Oxalá não fiquem esquecidos os sofrimentos das agruras da fortaleza de S. Miguel.

Esta comissão de novo procurou avisar-se ontem com o director da policia de segurança do Estado sobre este momento assunto.

A 21 horas reúne hoje esta comissão na sede da U. O. N.

Trabalhadores lêde e propagai

## A carestia, suas causas e remédios

### A SOLUÇÃO DOS TÉCNICOS FRANCESES

A União Sindical dos Técnicos da Indústria, Comércio e Agricultura de França acaba de publicar o seu alvitre sobre a solução a dar ao problema da vida cara. Damos abaixo a primeira parte, seguida dum esquema resumindo as causas principais, efeitos e remédios.

O conselho sindical da U. S. T. I. C. A., depois de ter deliberado com os secretários das comissões, declara:

«Para poder investigar eficazmente os remédios da vida cara, devem primeiramente lembrar-se e precisar-se certos factos económicos fundamentais.

«1.º Há crise quanto a alta dos preços de venda e desigualmente suportada pelo conjunto dos cidadãos, isto é, quando a alta dos salários dos trabalhadores ou o aumento do rendimento dos capitalistas não é, para cada um, conseqüente e proporcional à alta geral dos preços.

«Segundo a Sociedade de Estatística de Berna, o aumento dos preços de 1914 a 1919 foi em França, de 368 %, contra 240 % na Inglaterra. A crise resulta do facto de não terem crescido nas mesmas proporções todos os salários e todos os rendimentos.

«2.º — Os efeitos da crise sobre a massa são ainda maiores porque a alta atinge mais particularmente os produtos de primeira necessidade.

«3.º — O preço da venda é a soma de diferentes factores: preço do custo, despesas de transporte, despesas de venda e lucro dos intermediários.

«No regime actual, a acção desses factores acha-se subordinada ao jogo da concorrência que, com as suas incertezas e tentamentos, só num prazo incerto é que pode assegurar o estabelecimento de novo equilíbrio.

«Fixadas essas bases, logo se evidencia que só pela transformação completa do actual regime económico se poderiam evitar semelhantes crises.

«Todavia, para obter resultados que serão, apesar de tudo, fragmentários e insuficientes, é possível desprender de entre as causas gerais do desequilíbrio as que são actualmente as mais activas e propor remédios correspondentes. São:

Tais declarações são feitas por uma associação de técnicos — engenheiros, agrónomos, diplomados das escolas técnicas superiores — que os sofistas defensores da burguesia se esforçam por injetar entre os patrões e capitalistas, cujo título perfeito e sem mistura é, porém, o accionista ou o proprietário ausente, isto é, aquele que se limita a cobrar dividendos ou rendimentos.

O documento não diz expressamente, mas deprende-se dessas palavras que urge substituir a desordem da produção capitalista, sujeita ao capricho e ao interesse privado, incapaz de se desenvolver rapidamente e de fazer face às necessidades de todos, pela socialização dos meios de produção.

## A queda do comunismo na Hungria

### A invasão romana — As intrigas em Viena —

### As reuniões dos Comissários do Povo e do Gram Conselho dos Quinhentos — O último discurso de Bela Kun — O novo governo

moderado — A derrocada

A ofensiva empreendida em fins de Julho pelo exercito vermelho húngaro, coroada de êxito no princípio, sofreu repentinamente uma paragem. Depois, a 28 de Julho, soube-se que os romenos tinham transposto o Theiss.

Enquanto na Hungria a República dos Sovietes se debatia nos últimos espasmos da agonia, em Viena preparava-lhe o golpe de misericórdia. No 1.º de Agosto, os comissários do povo húngaro reuniram-se em conselho para ouvir o relatório de Agoston, o qual, de acordo com outros socialistas, mas sem o saberem os comunistas, encetara negociações com os representantes da Entente na Austria. No dizer de Agoston, os Aliados reclamavam a demissão do governo comunista de Bela Kun e prometiam em troca deter a ofensiva romana, levantar o bloqueio contra a Hungria e fornecer-lhe de subsistências.

Do decorrer da sessão, Haubrich, comandante da praça de Budapest, que uma manobra hábilmente combinada, declarou ter recebido momentos antes, do grande quartel-general, informação de que o exercito revolucionário batia em retirada, fugindo diante do inimigo, e que por isso a luta se tornava impossível. A nova, sem ser de todo falsa, era prematura e tendenciosa, tendo por fim influir no animo do conselho. A constatação foi geral e foi então que, aproveitando o ensejo, alguém propôs a demissão do governo de Bela Kun. O chefe comunista húngaro, muito abatido, não fez opposição alguma; mas Tibor Szamuely, o Robespierre húngaro, combateu energicamente uma capitulação vergonhosa, preconizando a luta até ao último extremo.

O dever dos comunistas húngaros, disse ele, é baterem-se nas barricadas pela emancipação do proletariado do

«Aumento da produção de produtos usuais.

«Insuficiência de produtos em face da procura, alta portanto.

«Aumento do consumo: exercitos aliados, maiores necessidades, desperdício.

«Pagamento das despesas do Estado por meio de recursos artificiais: empréstimos e notas (circulação fiduciária).

«Aumento dos lucros dos produtores, assombroso lucro e especulação.

«Crise dos transportes.

«Crise do frete.

«Direitos de alfândega sobre produtos manufacturados e matérias primas.

«Câmbio.

«Aumento dos preços do custo e alta dos preços de venda.

«Carestia dos produtos importados, alta dos preços do custo e de venda.

«Reparação de defeitos nos produtos, favorecendo a especulação, perdas em generos deterioráveis.

«Obstáculos à importação e exportação, portanto elevação dos preços.

«Aumento dos preços do custo e alta dos preços de venda.

«Carestia dos produtos importados, alta dos preços do custo e de venda.

«Reorganização e coordenação dos meios de transporte. Descongestionamento dos grandes centros consumidores.

«Acórdos internacionais. Construção naval e de portos. Reorganização e coordenação dos transportes marítimos.

«Entrada livre dos produtos e matérias primas de primeira necessidade.

«Acórdos internacionais. Organização das exportações.

«Desmobilização, arraação, restabelecimento provisório do sistema de senhas.

«Restabelecer financeiramente a direcção fiduciária, especialmente com uma contribuição sobre as fortunas.

«Publicidade dos lucros. Comércio à luz do dia. Por em contacto directo o produtor e o consumidor (cooperativas), repressão severa da especulação.

«Reorganização e coordenação dos meios de transporte. Descongestionamento dos grandes centros consumidores.

«Acórdos internacionais. Construção naval e de portos. Reorganização e coordenação dos transportes marítimos.

«Entrada livre dos produtos e matérias primas de primeira necessidade.

«Acórdos internacionais. Organização das exportações.

«Desmobilização, arraação, restabelecimento provisório do sistema de senhas.

## O professorado primário faz afirmações de princípios

### A ESCOLA EM MARCHA

### A presente ordem social impede a marcha natural da humanidade para a perfeição

Está ainda certamente na memória dos nossos leitores o último congresso do professorado primário realizado em Maio último no Teatro Nacional, congresso que nos deixou desagradável impressão, como aqui tivemos ocasião de dizer, ao dar o extracto dos respectivos trabalhos. Manifestando mais tarde o nosso sentir a um velho amigo, membro da classe, disse-nos ele:

«O nosso congresso não foi, de facto, o que deveria ser, mas não exprimi, também, com verdade, o que vale o professorado primário. Ele foi a primeira assembleia magna de delegados da União, fundada há cerca de um ano, e, tendo lugar no momento especialíssimo em que, pela primeira vez, se fazia justiça ao professor, aumentando-lhe sensivelmente os seus míseros vencimentos, fácil foi desviar-o do seu verdadeiro caminho, fazendo-o redundar em manifestação de regosio. Mas estou convicto de que o facto não voltará a repetir-se, representando uma dura lição. Porque a classe, desde sempre injustamente vilipendiada, sente agora, com o despertar das forças sociais do futuro, uma verdadeira sede de aperfeiçoamento e emancipação. A consciência da sua força moral é cada vez maior, dedicando-se por todo o país a uma intensa e metódica organização associativa. A par de muitos e muitos professores velhos, magoados e descrentes que precisam descanso, há na classe do professorado primário algumas centenas de indivíduos que constituem uma valerosa vanguarda das mais modernas e seguras doutrinas pedagógicas e sociais. Tenho fé, mas uma fé ardente e fundamentada, de que os professores primários, efectuada a sua união, hão de marchar, como lhe cumpre, à frente das classes organizadas.

Assim falou o nosso velho amigo, moço na idade, não sendo fácil traduzir a firme esperança e a acentuada elevação das suas palavras.

Efectivamente, a corroborar tais afirmações, numa elevada manifestação de vida, acaba de reunir em Lisboa, durante alguns dias em sessão permanente, o Conselho Central da União do Professorado Primário, composto de um representante por cada distrito. Depois de resolver sobre os pontos capitais que o último congresso deixara de tratar, entregou ao Estado uma série de justíssimas reclamações, entre as quais se encontra o justificado pedido de ter o professorado o direito de indicar o corpo docente do Instituto do Professorado Primário, onde hão de ser educadas suas filhas. A esta reclamação excepcional importância porque, a não ser atendida, está na disposição de não confiar suas filhas aquela instituição, cujo actual corpo docente, em grande parte e sob o ponto de vista moral, merece à classe a mais absoluta desconfiança.

Seguidamente, depois de ter entregue ao ministro da instrução as suas reclamações, pela satisfação das quais espera vigilante, o Conselho Central da União do Professorado Primário tratou da intensa organização da classe e do vasto papel que ela tem a desempenhar na vida nacional, analisando delidamente as causas da convulsão moral que sacode o mundo, e terminando os seus trabalhos pela aprovação da seguinte moção:

Considerando que a última guerra, levando a humanidade a chacinar-se em

prestado pelos outros membros da Internacional.

O governo apresentou então a sua demissão, procedendo-se à formação de um novo governo.

Os socialistas reformistas tinham o campo livre. Os meios de produção socializados, expropriados pelo governo comunista, iam ser restituídos aos usurpadores capitalistas; a propriedade privada para a exploração ia ser restabelecida; a ditadura da burguesia retomava o seu antigo lugar.

Este novo governo, cujo programa era um regresso ao passado, ia compor-se exclusivamente de socialdemocratas, ex-defensores do imperialismo austro-húngaro, e de funcionários saídos da burocracia sindical.

Após uma vida de pouco mais de quatro meses, findava a ditadura proletária menos por culpa dos seus dirigentes do que pelas traíções de que fora vítima.

A intenção do governo Peidl era tentar manter as medidas do governo anterior até à reunião da Constituinte; mas não pôde fazê-lo, por se ter precipitado a decomposição interior.

Uma vez depbandado o exercito vermelho, todo o edificio desabou. Os mercenários dos boiados romenos avançaram a largos passos, saqueando e devastando tudo pelo caminho. A sombra das baionetas desses conquistadores do imperialismo da Entente, deu-se o golpe de Estado monárquico e apareceu o terror branco, mil vezes mais cruel do que o terror vermelho.

Quanto a ele, antes quereria ver o proletariado lutar nas barricadas do que assistir à sua abdicção sem combater. Mas estava convencido de que semelhante decisão, a ser tomada, só por um pequeno número de camaradas seria seguida. O grande tribuna húngaro queixou-se também do pouco apoio

Edmundo PELUSO

II Congresso Nacional da Indústria de Calçado, Couros e Peles

Reunir a comissão organizadora, que em vista de terem desaparecido as razões que originaram o adiamento do congresso, resolveu fixar definitivamente a data para os dias 11 e 12 do corrente em Coimbra.

Não tendo até agora respondido ao convite desta comissão o camarada Jardim, delegado dos Tanoeiros do Funchal, pede-se de novo a sua comparencia para regularizar a resposta a dar aos camaradas manufactores de calçado daquela cidade sobre a representação ao congresso.

A comissão encontra-se em sessão permanente todos os dias, das 21 às 23, na sede Rua Arco Marquês do Alentejo 30 2.º.

União dos Sindicatos Operários

Reúne hoje pelas 21 horas a Comissão Administrativa deste organismo, para tratar de assuntos que interessam aos operários do Município.

Para tal efeito é convidada a direcção da respectiva associação a reunir juntamente, na sede da U. S. O.

DRAUGUIGNAN, 1. — França — Há incêndios vistos nas colinas de Boleis, desde a baía de Calvaire até ao golfo Saint Tropez.

Quinze aldeias estão cercadas pelas chamas. Há a lastimar uma morte e alguns feridos. — H. —



